

FOLHA Empregos & Concursos

“Observamos que existe uma demanda por este tipo de profissional porque hoje a maioria dos negócios é realizada internacionalmente”

Ana Paula Simões, professora de gestão de pessoas da Fundação Getúlio Vargas

Profissional bilíngue pode ganhar mais

Paula Barbosa Ocanha
Reportagem Local

A procura por profissionais bilíngues é uma demanda real e crescente. Mas o mercado ainda é carente de pessoas que, na prática, consigam se comunicar em outro idioma com fluência. Uma pesquisa salarial feita pela Catho, empresa de currículos e vagas on-line, analisando mais de 2 mil cargos em 19 mil empresas em todo o Brasil, apontou que o grau de conhecimento em uma segunda língua pode aumentar o salário de um profissional em até 51%, considerando as mesmas vagas para candidatos sem a mesma qualificação. Segundo a pesquisa, um profissional que não fala inglês e vai ocupar um cargo de supervisão recebe uma média de R\$ 3,1 mil, enquanto que um trabalhador que fala inglês, para a mesma vaga, pode receber uma remuneração média de até R\$ 4,7 mil.

Para a professora de gestão de pessoas da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Ana Paula Simões, o estudo de outra língua é essencial para uma boa colocação profissional. “Além disso, há estudos na área da neurociência que afirmam que pessoas fluentes em outra língua são mais criativas, têm maior flexibilidade mental e também mais facilidade para desenvolver ideias e para se relacionar com outras pessoas e culturas. Então ele acaba sendo um profissional mais preparado”, acredita.

E para ela, não somente o profissional ganha com essa qualificação, mas a corporação também. “O funcionário que entende outro idioma fica atento ao que está acontecendo em outros lugares do mundo, podendo trazer uma inovação para a empresa, que ainda não tinha chegado aqui e que pode garantir uma fatia importante do mercado. E as inovações acontecem muito mais lá fora do que aqui”, ressalta. A professora alerta ainda que não somente as empresas multinacionais estão precisando de profissionais bilíngues, por isso a oferta de vagas com essa característica cresceu. “Obser-

Estudo aponta que pessoas com fluência em outro idioma chegam a receber até 51% mais do que quem não possui esse diferencial

vamos que existe uma demanda por este tipo de profissional porque hoje a maioria dos negócios é realizada internacionalmente, mas mesmo quando o mercado daquela corporação é brasileiro, ou somente local, muitas vezes os concorrentes dela são de fora. Por isso,

ter funcionários e gestores que se comuniquem e fiquem atentos a tudo o que está acontecendo, auxilia a empresa nesse processo de observar a concorrência. Assim ela ganha competitividade.”

Por isso, ela ressalta que a empresa deve valorizar o fun-

cionário que tem esse tipo de qualificação e realmente vai usá-la no dia a dia. “No caso de um setor com dois contadores - um bilíngue e o outro não -, aquele que precisa se comunicar em inglês para cumprir uma tarefa relacionada ao trabalho do departamento deve ser melhor remunerado, já que é uma peça central e importante para a empresa”. Para haver valorização do funcionário, ela sugere que haja uma política de remuneração adequada à competência de cada funcionário. “Senão ela também corre o risco de perder esse funcionário para outra corporação.”

DICAS

Ideal é transformar o estudo de outro idioma em uma ação rotineira

Meta Crie metas, como alcançar uma nota X em um exame de proficiência, conseguir se comunicar em uma viagem ou entender um filme sem legenda.

Filmes e séries Assista programas com legendas no idioma que você está estudando. Isto aumenta o nível de compreensão da língua

Leia em inglês Da mesma forma que os filmes ajudam, é necessário ler no idioma que deseja aprender. Além de ampliar o vocabulário, a leitura ajuda na construção gramatical

Fonte: Christian Barbosa



Escola virtual Você pode optar por algum curso on-line que lhe permita estudar de qualquer lugar ou horário

Aula particular Existem diversos profissionais disponíveis no mercado para eventuais aulas on-line, via Skype ou até mesmo presenciais

Folha Arte

Estudo e qualificação precisam ser contínuos

A analista de controladoria Ana Paula Zambom está trabalhando na Adama há cinco anos. Apesar de ter sido avisada na contratação – ainda como estagiária de outro setor – que se ela fosse fluente em inglês isso seria um diferencial que facilitaria seu recrutamento, ela não imaginou que um dia usaria a segunda língua diariamente no ambiente de trabalho. “Quando entrei, na área que eu atuava não tinha muita exposição ao inglês. Mas agora, na controladoria, falo diariamente com escritórios da empresa em Miami e Israel, por telefone ou por e-mail, porque precisamos prestar contas. Não teria como fazer meu trabalho sem esse contato, por isso o inglês é fundamental”, conta.

Formada em Marketing e Propaganda e também em Administração, a jovem de 27 anos ainda estudou três meses na Inglaterra, quando fez intercâmbio na adolescência. “Esta fase me ajudou a criar fluência, a aprender algumas expressões mais usuais, menos formais da gramática, mas a verdade é que eu continuo estudando e buscando qualificação, para não perder vocabulário.”

Para a jovem da geração Y, era um projeto profissional trabalhar em uma empresa que proporcionasse esse contato com outros países e culturas. “Mesmo trabalhando aqui em Londrina, eu nunca quis trabalhar em uma empresa que só atuasse localmente. Sempre soube que o inglês era importante e que me ajudaria em algum momento da carreira. Mas ter essa experiência é fundamental para crescer profissionalmente, e até mesmo um dia, se eu precisar sair daqui, ter outras oportunidades, abrir mais portas”, avalia.

Para a gerente de gestão de pessoas da Adama, Danieli Rodrigues, que trabalha na empresa há 16 anos, antes ainda era uma realidade contratar funcionários mesmo que não tivessem domínio do inglês para que ele se qualificasse depois. “Isso não acontece mais. Nossas contratações são somente de profissionais que falam inglês. Nos comunicamos - e isso em todos os setores - com pessoas de Israel, China e Estados Unidos, e o inglês é a língua mais usada. Mas ainda é muito complicado encontrar funcionários com



Saulo Chara

“Falo diariamente com escritórios da empresa em Miami e Israel. Não teria como fazer meu trabalho sem esse contato, por isso o inglês é fundamental”, diz Ana Paula Zambom

experiência, principalmente para cargos de gerência, que tenham fluência na língua”, explica.

Da demanda atual da empresa, Danieli analisa que a empresa tem preenchida entre 65% e 70% das vagas. Ela faz ainda outra ressalva. “Daqui dois ou três anos, o inglês não será mais considerado diferencial, mas o básico. Ter uma terceira língua será importante, e para isso mesmo a geração Y terá que buscar novas qualificações”, finaliza. (P.B.O.)

ABRAHAM SHAPIRO

“Quase todos os casos de insatisfação profissional com que lidei não foram resolvidos com a mudança de área de atuação”

Qualidade ou quantidade? O eterno dilema

Realização profissional. Do que depende? Uma entrevista com o maior número de pessoas irá mostrar que não depende do que se faz, mas de “como” se faz.

É ilusão pensar: “Se eu fosse padeiro seria mais feliz do que como encanador”.

A vida carece de um sentido para que tenha valor. O trabalho também.

Conheço médicos que não se esquecem de quanto valem as vidas com que lidam. Por isso são grandes médicos!

Conheço pedreiros que levantam paredes sem perder a consciência de que serão lares, escolas, empresas ou templos. São grandes pedreiros. Por isso!

Nunca alguém me indicou um médico por ele ter-se enriquecido em sua profissão.

Trabalho bom, que produz realização pessoal é, e sempre será, aquele desempenhado por quem se preocupa em fazê-lo bem feito... o melhor possível sob determinado padrão.

Quase todos os casos de insatisfação profissional com que lidei não foram resolvidos com a mudança de área de atuação, mas com uma nova visão de objetivo, novos motivos e jeito de executar. É tolice buscar outras soluções, a não ser, é claro, nos casos de escolha errada ou incompatível.

Creio ser necessário dizer que em qualquer momento da vida neste mundo o que vale é a intensidade. E não a extensão.

A perfeição não está na quantidade, mas na qualidade. É melhor ser intenso do que extenso. Tudo o que é muito bom e apreciável, é pouco e raro. A quantidade sozinha jamais passou além da mediocridade.

Abraham Shapiro é consultor e coach de líderes em Londrina

‘Não encontramos profissionais qualificados’

A diretora e proprietária da escola Maple Bear Canadian School em Londrina, Andrea Pizaia Ornellas, garante que os professores bilíngues contratados pela instituição possuem o salário “no mínimo 40% maior” do que de um professor de escola regular sem a mesma qualificação. “Dependendo da experiência profissional, da vivência no exterior, os salários podem ser até 70% maior”, afirma. No entanto, ela reclama da carência de profissionais qualificados. “Precisamos de um professor formado em Educação, que esteja pronto para dar aula para crianças, que possua fluência na língua inglesa. E não encontramos profissionais assim aqui em Londrina. O mercado está muito carente”.

Segundo a diretora, eles não conseguem encontrar

professores de educação infantil que tenham também formação em inglês. “O profissional que precisamos é mais qualificado porque ele realmente precisa ser dois em um. Ele não pode ser professor de crianças, mas só falar inglês mais ou menos. A fluência é necessária porque as aulas e todos os nossos programas são feitos em inglês, e o professor não conseguiria acompanhar”. Para suprir as necessidades da escola, eles têm contratado professores de inglês e pedido para que eles se qualifiquem em Educação. “O mercado para professores bilíngues é crescente e real”, conclui.

A professora e coordenadora pedagógica da escola, Sara Rodrigues de Andrade, é um exemplo de profissional que conseguiu melhor salário graças à qualificação em outra



Ricardo Chicarelli

“Com certeza eu ganho mais do que quando só ministrava aulas como professora primária ou só dava aulas de inglês”, revela Sara de Andrade

língua. “Sou professora primária, com magistério, e fiz uma graduação em Educação e Desenvolvimento Humano e mestrado em Linguística na Inglaterra”. Ao todo, a jovem profissional de 32 anos ficou nove anos na Inglaterra, buscando melhorar sua carreira. “Com certeza eu ganho mais

do que quando só ministrava aulas como professora primária ou só dava aulas de inglês. Vi que esse mercado estava crescendo e mandei meu currículo para a escola. Tenho muitos colegas que começaram a buscar qualificação porque estão vendo que é um mercado emergente”. (P.B.O.)